

## A escrita híbrida de Alberto Pucheu

### Quando ensaio e poesia se confundem na fronteira desguarnecida pelo colorido, para além do cinzento dos gêneros literários.

por Ítalo Meneghetti

Quem pensa que o texto científico não dialoga intimamente com o texto literário está equivocado ou, no mínimo, ultrapassado. Além de conversarem animadamente nas esquinas das ideias e das palavras, costumam namorar nos becos noturnos da escrita, num jogo de sedução, quando se confundem aos abraços e beijos na maciez corpórea do papel ou na luminosidade etérea da tela do plasma líquido, transgredindo os protocolos dos gêneros literários, das estéticas de época, dando sensibilidade humana ao método científico em suas normas e regras, rompendo fronteiras para habitar a linguagem na dimensão híbrida das interfaces.

Alberto Pucheu se desloca nos espaços acadêmicos com a mesma desenvoltura com que frequenta os redutos de poesia das cidades. Seja nas salas de aula da sua Universidade Federal do Rio de Janeiro ou num barzinho *cult* da Lapa, a sua rubrica poética flerta com a sua semiose científica, numa nostalgia grega de quando ainda não havia somente poesia, nem unicamente ciência, mas apenas a vigilância da força holística da Filosofia.



“Tocar a alma ou tocar em nervos é o que exige um ensaísmo poético...”



Para esse doutor em Ciência da Literatura e mestre em Filosofia, vale mesmo é o poeta que não teme olhar nos olhos do cientista e do filósofo que existem dentro dele; e pedir mais um parágrafo em verso ou mais um verso em prosa, todos da lavra da escrita capaz de sentir a pele nua da palavra no ensaio, sem receio de rimar razão e coração no mesmo texto. Para Pucheu, “tocar a alma ou tocar em nervos é o que exige um ensaísmo poético, uma teoria literária e uma crítica poética contemporânea, que, pela acomodação do tema em sua escrita enquanto obra, tem o impacto do assunto turbinado, levando a plena força do sentido, provinda da potência vital, a atravessar, desde a primeira instância, a alma, o coração ou os nervos do leitor.”

O ensaísta Alberto Pucheu é esse fazedor de emoção em meio ao racionalismo da crítica literária, nem sempre objetiva e justa como é de se supor, quando obra da razão. Não raro, a crítica, sobretudo a crítica brasileira, costuma ser parcial em suas investidas analíticas, bem mais interpretativas (e interpelativas) do que se esperaria que fossem, o que pode acabar por aniquilar talentos ou congelar gênios em seus gêneros e estilo, como foi o caso de Lima Barreto, que por muito tempo foi um dos grandes escritores injustiçados pela academia.

Para Alberto Pucheu, o ensaio crítico não pode ser uma escrita sem a estética do sensível, isto é, uma escrita incapaz de apreciar os valores daquilo que ela analisa e julga. Relembrando Antonio Candido, Pucheu afirma que “tendo percorrido inúmeros aspectos da crítica, ninguém melhor do que ele [Antonio Candido] para mostrar o limite, ou seja, o ponto máximo de extensão, em muitos casos, inconsciente, enfrentado por ela. Este limite sintomático aparece quando, por exemplo, parafraseando um conceito de Mefistófeles, afirma que a crítica é cinzenta, e verdejante o áureo texto que ela aborda, ou, então, quando, ao fim de uma palestra sobre Machado de Assis, confirmando o complexo de rebocado ou a típica síndrome cinzenta da crítica literária com sua disciplina objetivista que supõe o poético como autônomo e exclusivo, declara: *O melhor que posso fazer é aconselhar a cada um que esqueça o que eu disse, compendiando os críticos, e abra diretamente os livros de Machado de Assis.*”

Raramente encontro na escrita de um ensaísta o poeta tão presente na intensidade reflexiva do filósofo. Parece que as três vozes se confundem em Alberto Pucheu, produzindo um efeito híbrido em seus textos, como em Nietzsche: este e outros de seus apelidos, quando de um só fôlego, como em narrativa em fluxo de consciência, Pucheu arranca de um parágrafo quase todo o seu poético ensaio de quatro páginas sobre a



**Pelo colorido, para além do cinzento (a literatura e seus entornos interventivos).** Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.



**A fronteira desguarnecida: (poesia reunida 1993-2007).** Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

nossa natureza identitária, sobre os apelidos dos nomes que por vezes somos, por outras, não, nessa nossa transição permanente de sujeitos... “Não conheço seu nome, apenas seu apelido: friedrich nietzsche. Na lombada de um livro, pode ser ele, ou, então, simplesmente: nietzsche. Mas não conheço seu nome, apenas seus apelidos. Olho para a estante; no dorso de outro livro, leio: friedrich wilhelm nietzsche.”

Em *O brilho dos destroços de um naufrágio esquecidos do mar* (Giorgio Agamben e Machado de Assis: da linguagem da experiência à experiência da linguagem), Alberto Pucheu toca a pele sensível da palavra que encorpa o pensamento literário ensaístico, no empréstimo de sentidos extraídos dessa urdidura que é fazer ciência da literatura naquilo que há de poético no pensamento; é aí que filosofia, poesia e ciência rompem o máximo da tensão, desguarnecem fronteiras e irrompem palavra adentro e afora, já que “habitar a linguagem em seus limites é fazer a experiência do que, nela, além de um indizível e aquém de um suposto dizível para além dos nomes, é sua matéria, desassentada num vazio que os poetas e os filósofos teimam em fazer aparecer. Dizer, portanto, os nomes, na caravana da sintaxe que cruza a solidão desértica do mundo com a vã esperança de lhe dar um sentido.

Ou, sobretudo, dizer sem a esperança de dar um sentido último ao mundo, dizer, desesperada e inesperadamente, o vazio robusto da matéria da linguagem. Aqui, a poesia, a filosofia e suas fronteiras desguarnecidas se realizam quando elas não têm mais nada a contar, senão a força do narrar – a pura potência da linguagem a cada vez presentificada. Seja estilha ou máscara, autopropulsionadora, a experiência da linguagem instaura o pensamento no vigor de sua ilatência, no qual, submetido, o homem habita.”

O hibridismo da linguagem desse poeta que caminha pelas ruas vasculhando becos de palavras como um filósofo em pleno trânsito lexical do pensamento encontra em algum lugar o cientista pasmo e mudo diante da banalidade do mundo, tão rigorosamente sem lógica e sentido que só mesmo vivendo, pois “há poetas que até sabem escrever, mas como pensam mal! E filósofos que até sabem pensar, mas como lhes falta o ímpeto da criação! A esses dois casos, prefiro a conversa fiada das ruas, onde descobro mais poesia, mais pensamento, do que em muitos poemas e textos que leio por aí.”